

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Lyon Vitor Borcard de Oliveira

**O IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE E O GOVERNO BOLSONARO:
OS GANHOS DO IMPERIALISMO COM UM GOVERNO TEMENTE AOS INTERESSES DO
IMPÉRIO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Lyon Vitor Borcard de Oliveira**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172051A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "O IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE E O GOVERNO BOLSONARO: OS GANHOS DO IMPERIALISMO COM UM GOVERNO TEMENTE AOS INTERESSES DO IMPÉRIO", desenvolvido durante o período de 27/03/2023 a 26/06/2023 sob a orientação de Leonardo Silva Andrada, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Lyon Vitor Borcard de Oliveira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE E O GOVERNO BOLSONARO: OS GANHOS DO IMPERIALISMO COM UM GOVERNO TEMENTE AOS INTERESSES DO IMPÉRIO.

Lyon Vitor Borcard de Oliveira

RESUMO

Após o golpe de 2016, o Brasil enfrentou um período de privatizações de várias empresas estratégicas que compromete a soberania nacional do país, sendo que dentre os grandes beneficiários desta política, destaca-se os Estados Unidos.

Por isso, o presente artigo terá como foco de análise os ganhos do imperialismo estadunidense com o governo Bolsonaro, da atuação dos Estados Unidos para que o golpe acontecesse e abordará de forma breve e secundária os ganhos das classes dominantes com esse governo e os ganhos e a atuação da burguesia brasileira com o golpe de 2016. O texto trabalhará com esse acontecimentos porque eles são essenciais para compreender as razões da elite brasileira e do imperialismo em apoiar, coordenar um golpe e também os ganhos que obtiveram com isso, visto que para além de fazer uma abordagem sobre a luta de classes nacional, em casos de países do capitalismo periférico, é necessário que se faça uma análise da atuação desta elite nacional juntamente com a questão do imperialismo. Nesse sentido, um ponto central a ser debatido e exposto neste trabalho é a demonstração de como essa atuação golpista foi coordenada para enfraquecer os Brics, comprar o petróleo brasileiro a preço baixo e passar reformas que só foram positivas para a elite nacional e internacional com a precarização do trabalho.

A metodologia empregada para fazer a análise que o artigo se propõe a realizar foi conduzida através de pesquisas em materiais de imprensa, artigos e livros.

PALAVRAS-CHAVE: Imperialismo, Estados Unidos, Estadunidense, Golpe, Governo Bolsonaro.

1. INTRODUÇÃO

Desde 2013, o Brasil vive uma série de eventos históricos importantes e que culminaram em grandes debates teóricos e esse trabalho busca apresentar uma contribuição nesse grande eixo de debates sobre os acontecimentos recentes em solo nacional.

O presente artigo tem como objetivo central elucidar os ganhos que os Estados Unidos obtiveram com o governo Bolsonaro, e nesse ponto deve-se explorar a atuação ativa dos Estados Unidos para o golpe de 2016 e para a prisão ilegal do atualmente Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, porque sem ambos os fatores, o governo Bolsonaro dificilmente teria existido.

A compreensão dos ganhos do imperialismo estadunidense com o governo Bolsonaro e a busca de compreender a atuação dos Estados Unidos no golpe de 2016, e na prisão do Presidente Lula são pontos de grande relevância para a realização de um debate concreto.

Além disso, a partir desse ponto de reflexão e análise, pode-se entender a razão pela qual grandes empresas estratégicas foram vendidas por um preço abaixo do que seu valor, assim como compreender a perda de grandes riquezas nacionais para o exterior, com foco central nos Estados Unidos obtendo ganhos com essa política contrária aos interesses do Brasil e favorável apenas aos interesses do imperialismo.

Por último, vale pontuar o método de análise que o artigo utilizará e a sua divisão de temáticas a serem debatidas dentro dele, o método de análise que o artigo fará uso será o uso da revisão bibliográfica e material de imprensa. A divisão de eixos temáticos a serem trabalhados dentro do artigo, será realizado da seguinte forma: o primeiro eixo terá como foco analisar os eventos pré-golpe de 2013 e os eventos golpistas 2016 partindo do ponto de análise da atuação dos Estados Unidos nesses eventos, no segundo eixo o artigo analisará a motivação para que os Estados Unidos atuasse em prol de um golpe parlamentar em solo nacional, no terceiro eixo o artigo apresentará os ganhos do imperialismo estadunidense com o governo Bolsonaro, na sequência o texto trabalhará com as razões pela qual as classes dominantes do país apoiaram o golpe e os ganhos que obtiveram com o governo Bolsonaro, e por último o artigo retomará os pontos trabalhados durante o artigo e apresentará a sua conclusão. Sendo que o artigo passará por alguns eixos temáticos antes de chegar no tema central do artigo porque para se uma análise concreta necessita-se trabalhar com os fatos que contribuem para chegar no ponto central do objeto de estudo.

O golpe parlamentar de 2016 e a atuação ativa dos EUA

O momento histórico em que o golpe de 2016 ocorreu não é exatamente onde ele se inicia e esse fato é conhecido, visto que o início do desgaste e enfraquecimento do governo Dilma se inicia com as jornadas "Junho de 2013", que apesar de trazer grandes desgastes não conseguiu impedir a reeleição da então presidente, Dilma Rousseff.

O segundo ato de grande relevância para a articulação golpista de 2016 foi a operação midiática denominada lava-jato, que serviu para desgastar o governo vigente da época e prender Luiz Inácio Lula da Silva sem que houvesse qualquer tipo de prova de crimes cometidos por ele.

Os dois momentos históricos podem ser definidos como consequências da mesma arma política de enfraquecimento e desgaste de um governo que não atende aos interesses dos Estados Unidos da América, tal arma política é denominada de "Guerra Híbrida".

O autor Stedile no livro "Aplicação das guerras híbridas" apresenta duas definições que explicam de forma concreta como esses dois atos históricos são frutos da mesma via de enfraquecimento utilizada pelos Estados Unidos.

"Estas "revoluções" se movem em torno de temas muitas vezes universais ou incontestáveis, como por exemplo, "por democracia", "pela liberdade" ou "contra a corrupção". As bandeiras genéricas cumprem o papel tanto de aglutinar outros setores mais distantes do núcleo ideológico, quanto de oferecer uma pauta de reivindicação que é impossível de ser atendida pelo governo atacado. Como mensurar se um governo concedeu "a liberdade" ou se "a corrupção acabou"? Isso é determinante ainda para garantir que o movimento esteja permanentemente ou continuamente mobilizado, já que suas bandeiras jamais serão atendidas integralmente."

(Stedile, Enrique Miguel. Aplicação das guerras híbridas, página 6)

Esta primeira definição apresenta o entendimento sobre o que foi o episódio de "Junho de 2013" e como esse acontecimento foi instrumentalizado para enfraquecer o governo vigente e avançar em uma escalada golpista, contra os interesses populares e pró-imperialismo.

Visto que as jornadas de junho de 2013, assim como a Primavera árabe, partiram de pautas reais, ou seja, houve a instrumentalização de uma questão concreta para mobilizar as massas contra o governo vigente e a convocação foi realizada pela internet. Ao mesmo tempo, havia financiamento estrangeiro para inflar esses atos e divulgação positiva por parte da Rede Globo, que na prática significa que aqueles atos eram vistos de forma positiva pela imprensa burguesa e era visto como uma ação correta para a economia e para os empresários que compõem o Grupo Globo porque partindo daqueles atos era possível enfraquecer e buscar derrubar o governo petista.

"A aplicação da Guerra Híbrida na América Latina se constitui com mais frequência como um "golpismo 2.0", com o uso da mídia, da institucionalidade, com a mídia, com a judicialização da política e politização do Judiciário (lawfare)."
(Stedile, Enrique Miguel. Aplicação das guerras híbridas, página 9)

Neste segundo ponto, pode-se compreender a segunda etapa para o aprofundamento e consolidação de um plano golpista e que em sua totalidade serviram não apenas para aplicar um golpe, caluniar e enfraquecer o Partido dos Trabalhadores, mas também para prender uma das maiores lideranças populares da história do Brasil e roubar as riquezas nacionais do país.

A "Guerra Híbrida" é em sua definição simples e direta a nova forma de atuação golpista estadunidense, que não necessita da utilização de armas, mas sim da instrumentalização das massas com pautas abstratas e o uso da justiça como uma arma de perseguição política, assim como a disputa de narrativas nas redes sociais e a disputa contra o processo de consolidação da inverdade e conseqüentemente do avanço da extrema-direita. O uso desse instrumento é muito mais vantajoso do que utilizar armas para invadir um país e realizar um golpe de Estado, visto que dessa forma, não é necessário o uso da força, apenas o uso da inteligência e da manipulação das massas.

Os trechos citados na sequência são considerados de extrema importância para avançar e compreender de forma contundente o que é a guerra híbrida, sua forma de atuação e como esse processo avançou e ganhou espaço em território brasileiro.

"Pode-se perceber, portanto, que as revoluções coloridas, tal como as campanhas de publicidade ou relações públicas, não são espontâneas mas sim fabricadas muito de antemão à sua implementação. É a disseminação da informação ("propaganda") na sua mais cru essência, e as ideias contra o governo devem ser propagadas de maneira coordenada para fabricar consenso em uma parcela apropriada (decisiva) da população para que participe da revolução colorida. Esses indivíduos não tomarão consciência do verdadeiro papel que desempenham nos eventos em desdobramento, mas serão meramente usados como artifício para dar a impressão de apoio unânime ao golpe. Eles também podem agir no papel de "escudos humanos" para proteger os membros centrais da revolução colorida (por exemplo, os próprios organizadores ou insurgentes Pravy-Sektor) contra métodos vigorosos do Estado para dispersar a tentativa de golpe."
(Korybko Andrew, Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes, 2018, pág 50)

Compreender os movimentos de intervenção estadunidense em território nacional nos últimos anos é compreender como os Estados Unidos atuou de forma constante nos acontecimentos refletir, ao refletir sobre Junho de 2013, tido como a primeira fase da guerra híbrida em território brasileiro, se entende que os Estados Unidos souberam manipular as massas utilizando de uma pauta concreta(o aumento da passagem), tal qual toda revolução colorida realiza, para construir uma grande mobilização de massas, que foi capaz de incluir até mesmo setores da esquerda brasileira. Após o primeiro ato da guerra híbrida em solo brasileiro, a segunda etapa guerra híbrida avançava com a operação lava-jato, nesse sentido, pautas vazias como a pauta "contra a corrupção" ganhava força na sociedade brasileira e era utilizada para as grandes mobilizações de massas contra a corrupção e contra o governo Dilma, que contribuiu no avanço e no êxito do movimento golpista, não somente para retirar o governo legítimo e eleito pelo povo brasileiro do Partido dos Trabalhadores, mas também para prender de forma ilegal e com ausência de provas o então, ex-presidente Lula, e também contribuiu para que houvesse o avanço da extrema-direita no Brasil e a eleição de Jair Bolsonaro.

"O Facebook é o portal para reunir e fazer propaganda do movimento de revolução colorida. Ele recruta apoiadores e permite a criação de grupos fechados nos quais ativistas contra o governo podem se encontrar e discutir suas estratégias virtualmente. Uma vez tomada a decisão de iniciar a revolução colorida, o Google Maps é usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas (tipicamente parques) onde os ativistas podem se organizar de antemão e identificar os melhores lugares para o enxame de manifestantes reunir-se (Maidan, no caso da Ucrânia)." (Korybko Andrew, Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes, 2018, pág 64)

O uso das redes sociais na primeira fase da guerra híbrida contra o Brasil e nas fases seguintes foi constantemente utilizado, desde a convocação para atos pró-golpe e durante todo o governo da extrema-direita no Brasil, sendo que o ponto principal de propaganda para atos, ideais de extrema-direita/golpistas, fake news e revisionismo histórico eram e ainda são disseminados por essa ferramenta de comunicação social.

Em relação ao ponto de revisionismo histórico, vale destacar a atuação do canal "Brasil Paralelo" na divulgação de um falseamento histórico que contribuiu diretamente para um saudosismo da ditadura militar e da disseminação de ideais golpistas/fascistas, dessa forma, pode-se compreender como a guerra híbrida atua de formas distintas e consegue êxito no sentido de excitar as massas para construir um movimento golpista, assim como os trechos anteriormente apontaram.

O trecho citado a seguir é de grande relevância para compreender como as revoluções coloridas são fabricadas e quais são as suas estruturas:

"As revoluções coloridas são fabricadas pela complexa interação de vários fatores, que, contudo, podem ser subdivididos em várias categorias de infraestrutura primárias:

- Ideologia
- Financiamento
- Social
- Treinamento
- Informação
- Mídia"

(Korybko Andrew, Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes, 2018, pág 115)

Ao analisar a revolução colorida no Brasil, pode-se encontrar as cinco etapas descritas anteriormente no trecho citado, visto que houve uma ideologia sendo colocada de forma oposta ao que se entendia como um Estado que investia na vida da população e para o lugar desse Estado se propôs a implementação do Estado mínimo, o financiamento desses movimentos golpistas, tal qual o MBL (Movimento Brasil Livre) aconteceu via milionários dos Estados Unidos, assim ONGs e think tanks atuando favoravelmente ao golpe, a mobilização social pró-golpe aconteceu de forma conjunta com a disseminação de informações recheadas de inverdades via rede social e houve um incentivo da imprensa hegemônica para que as ruas seguissem sendo tomadas de forma favorável ao golpe e por último o ponto do treinamento que já foi citado no presente artigo, e que dialoga diretamente com a operação lava-jato e suas contribuições para não somente desestabilizar o país politicamente, mas também para enfraquecer as indústrias nacionais.

Além disso, torna-se necessário observar a movimentação dos Estados Unidos após a descoberta do pré-sal no Brasil e nesse eixo temático o trecho do artigo abaixo apresenta grande utilidade no sentido de compreender as formas de atuação dos Estados Unidos nesse momento histórico:

"Além de engajar empresários e políticos brasileiros da oposição na defesa dos interesses norte-americanos, a embaixada também investiu no treinamento de juizes, promotores e policiais federais. Em telegrama de outubro de 2009, a charge d'affaires Lisa

Kubiske relatava a realização de conferência organizada pela embaixada sobre “crimes financeiros ilícitos”, que se estendeu por seis dias no Rio de Janeiro e treinou juizes e promotores dos 26 Estados brasileiros e mais de 50 agentes da Polícia Federal – dentre eles Sérgio Moro, que palestrou sobre “lavagem de dinheiro” – no “combate à corrupção”.

(Kanaan, Lecznieski, Gabriel. O Brasil na mira do Tio Sam: O projeto pontes e a participação do EUA no golpe de 2016)

Esse trecho do artigo que discorre acerca da participação dos Estados Unidos no golpe de 2016 reflete sobre como os Estados Unidos utilizaram não apenas da classe empresarial e de políticos para defender os seus interesses, mas também treinou juizes, promotores e policiais Federais, que dentre eles estava o ex-juiz e atual Senador da República, Sérgio Moro.

Visto que justamente esses atores treinados pelos Estados Unidos, com um destaque maior em Sérgio Moro (por ter sido colocado como um herói nacional pela mídia hegemônica e por ter sido o algoz e perseguidor do atual presidente da República), que atuaram na lava-jato e não apenas perseguiram adversários políticos, como também protegeram os seus aliados, vide a mensagem do ex-juiz Sergio Moro, em que ele pedia para tomar cuidado ao investigar o Fernando Henrique Cardoso, visto que o apoio dele era importante para o prosseguimento daquela operação.

“Paulo Roberto Costa, o primeiro passo da operação que reduziu o valor da empresa na bolsa de valores de R\$ 310 bilhões em setembro de 2014 a 226 bilhões em janeiro de 2018 e levou a Petrobras a cortar pela metade seu quadro de funcionárias(os) demitindo 197 mil trabalhadoras(es) de 2014 a 2017.”

(Kanaan, Lecznieski, Gabriel. O Brasil na mira do Tio Sam: O projeto pontes e a participação do EUA no golpe de 2016)

“Para Moniz Bandeira, que durante meio século analisou as relações Brasil – Estados Unidos, “há evidências, diretas e indiretas, de que os Estados Unidos influíram e encorajaram a lawfare, a guerra jurídica para promover a mudança do regime no Brasil”²¹. Segundo o autor, objetivo da Lava-Jato é “desestruturar, paralisar e descapitalizar as empresas brasileiras, estatais e privadas, como a Odebrecht, que competem no mercado internacional, América do Sul e África”

(Kanaan, Lecznieski, Gabriel. O Brasil na mira do Tio Sam: O projeto pontes e a participação do EUA no golpe de 2016) Nesses dois trechos, entende-se o quão negativa foi a operação lava-jato para as empresas nacionais e positiva para as empresas internacionais, e para o capital estrangeiro, principalmente para os estadunidenses.

Visto que desde o golpe, o Brasil vendeu inúmeras refinarias e empresas nacionais por preços baixíssimos e o capital estrangeiro, ou até mesmo empresários nacionais passaram a comandar essas empresas.

Retornando ao ponto desta operação lesa pátria que serviu para atrasar o país, vender as suas riquezas e perseguir adversários políticos, ela acabou por fazer com que 4,4 milhões de brasileiros ficassem desempregados e também deixou que houvesse um saldo negativo de 172 bilhões para o Brasil, segundo a pesquisa Dieese¹.

Para encerrar esse tópico, vale retomar a relação da lava-jato com os Estados Unidos de forma breve, utilizando-se da mensagem no Telegram e de um documento do Ministério das Relações exteriores, em que o promotor deixa evidente a submissão e obediência:

“Os americanos não querem que divulguemos as coisas”, justificou Dallagnol num bate-papo com um assessor de comunicação em 5 de outubro de 2015. Era a resposta ao aviso de que a “imprensa está em polvorosa com a vinda de agentes/promotores dos EUA para cá esta semana”. (The Intercept, 2021)

¹ <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/impactosLavaJatoEconomia.pdf>

“Mas os americanos pareciam ter uma outra perspectiva sobre a visita. Os pedidos de visto de pelo menos dois dos promotores do Departamento de Justiça dos EUA informam que eles planejavam ir a Curitiba “para reuniões com autoridades brasileiras a respeito da investigação sobre a Petrobras”, e que “o objetivo das reuniões é levantar evidências adicionais sobre o caso e conversar com advogados sobre a cooperação de seus clientes com a investigação em curso nos EUA”. Esses documentos são do Ministério das Relações Exteriores brasileiro e foram obtidos recentemente pelo Intercept – não fazem parte do arquivo da Vaza Jato.”(The Intercept, 2021)

Esses dois trechos da matéria do “The Intercept” apresentam justamente uma evidente obediência aos estadunidenses, visto que o primeiro trecho mostra que o promotor avisa que eles não querem que informações da operação sejam divulgadas, como se o que os estadunidenses gostaria que acontecesse tivesse que ser genuinamente atendido.

Enquanto o segundo trecho demonstra que os atores dessa operação não apenas acatavam o que os estadunidenses queriam que fosse feito, mas também buscavam repassar informações da operação e consequentemente de empresas importantes do Brasil, como é o caso da Petrobrás.

Por último, vale ressaltar que além de se tratar de uma submissão e obediência ao imperialismo estadunidense, poderia se enquadrar como um crime de lesa pátria, já que trouxeram prejuízos enormes para as empresas nacionais, obedeceram aos comandos dos estadunidenses e repassaram informações da operação e das empresas nacionais para os estadunidenses.

As motivações para o Imperialismo Estadunidense apoiar e participar do golpe de 2016

A ofensiva do imperialismo estadunidense utilizando da “Guerra Híbrida” como método de ação por agentes do imperialismo estadunidense e após essa exposição sobre a atuação dos Estados Unidos no movimento golpista de 2016, o presente trabalho se aprofundará no debate sobre as motivações por trás dessa ofensiva e buscará esclarecer quais seriam as razões para que os estadunidenses auxiliassem nesse evento golpista em solo nacional e consequentemente no avanço de uma extrema-direita.

Os golpes patrocinados pelos Estados Unidos têm como pontos centrais os pilares: da hegemonia, da autoridade/controlar sobre os outros países, petróleo/poder econômico, alinhamento geopolítico.

Os pontos centrais se interligam ao discorrer sobre o golpe de 2016 porque ao refletir sobre a manutenção da hegemonia estadunidense, a autoridade e controle sobre os outros países, e o alinhamento político levam o debate para um agrupamento de países de mercado emergentes, o BRICS. O BRICS é um agrupamento de países emergentes que na visão dos Estados Unidos ameaçam a manutenção de seu poder e influência econômica porque agrupa 5 países com uma economia positiva e com chances de ascender economicamente, assim como a sua existência é a adoção de medidas entre os 5 países que vão em sentido contrário do que a Organização Mundial do Comércio (OMC) tem como base central, assim como reservas de bilhões de dólares para garantir a estabilidade econômica dos países participantes.

Por isso, a participação do Brasil no BRICS não era tida como agradável pelos estadunidenses e o golpe de 2016 tinha como objetivo para o imperialismo, o enfraquecimento desse bloco de países e o afastamento do Brasil do bloco, mas agora com o retorno de Luiz Inácio Lula da Silva ao poder, o Brasil vai se reaproximando desse bloco, que acabou por ficar afastado após o golpe de 2016 e os governos Temer e Bolsonaro.

Nesse ponto, é interessante dialogar com o texto citado a seguir:

“Ferir o projeto de Integração –e golpear o governobrasileiro– foi também a forma de impedir as pretensões de um espaço regional de poder próprio numa configuração inovadora de cooperação entre potências médias (os BRICS), revelando uma estratégia agressiva de retomada da hegemonia do sistema, cujos resultados apontam para a posta em prática do desmonte dos Estados Sul Americanos através do retorno imediato de políticas

de privatização e ajuste fiscal que compõem a cartilha neoliberal. Note-se que os BRICS e o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) constituem uma ameaça às regras do jogo, mais difícil de estancar do que a de criação do Banco do Sul.” (SARTI, Ingrid. Desafios à Esquerda. Notas sobre a Integração em tempos de crise. Los progresismos en la encrucijada, p. 101-102, 2017.)

“Especificamente no Brasil, o projeto Sul-Sul punha em xeque um modelo de modernização capitalista conservadora, tal como consagrado na análise de Werneck Vianna (1976), assentado sobre a hegemonia do capital financeiro e agrário-exportador, a despeito da coligação com setores avançados da burguesia industrial.

Em suma, a interrupção do projeto Sul-Sul pelo golpe registra o momento de derrota do projeto autonomista regional.”

(SARTI, Ingrid. Desafios à Esquerda. Notas sobre a Integração em tempos de crise. Los progresismos en la encrucijada, p. 102, 2017.)

As citações apresentadas indicam justamente qual o interesse estadunidense em enfraquecer o BRICS partindo do golpismo de 2016 e a imposição de um distanciamento do Brasil para esse bloco de países emergentes, que juntos representam uma ameaça para a hegemonia e domínio dos Estados Unidos.

Vale destacar que a proximidade dos governos petistas com a China, Cuba, Venezuela, Bolívia, a proximidade com outros países com uma linha mais à esquerda, a integração e destaque do Brasil na América Latina eram pontos desagradáveis aos estadunidenses e que também motivaram o apoio ao golpe de 2016.

Vale ressaltar que a descoberta do pré-sal e a baixa participação estadunidense nos lucros foi um ponto de grande relevância para o imperialismo apoiar, visto que a questão econômica é fundamental e é justamente o que faz com que eles sejam financiadores e apoiadores de diversas guerras e movimentos golpistas no mundo, mesmo que esse tipo de apoio golpista resulte no avanço de um governo de extrema-direita como foi o caso da Ucrânia do Brasil com o ex-presidente Jair Bolsonaro porque o que interessa de fato não é a democracia ou a ausência dela, mas sim o alinhamento com o seu projeto de mundo e obviamente a obtenção de lucros.

Para além dos pontos destacados acima, pode-se compreender que o golpe era antes de tudo, uma busca pela implementação de uma agenda neoliberal e anti povo, visando o lucro dos investidores estrangeiros, vide o fato de quais são os agentes que mais lucram com a política da paridade de preços internacionais embutida na Petrobrás, assim como o desmantelamento da construção civil brasileira em que as 11 construtoras que foram alvos da lava-jato tiveram uma queda de 89% de receita no período de 4 anos (2015-2019) e que ao se somar com as perdas da Petrobrás é uma perda de 563 bilhões, e nesse período anualmente seria uma perda de 80,4 bilhões, segundo pesquisa do Poder 360.

Os ganhos do Imperialismo com o golpe e com o Governo Bolsonaro

Após percorrer por três eixos temáticos considerados de grande relevância para a compreensão da atuação do imperialismo no movimento golpista, avanço e consolidação de uma extrema-direita, o artigo chega na etapa de discorrer sobre os ganhos do imperialismo com o governo Bolsonaro.

Nos tópicos anteriores do artigo, tornou-se evidente que o maior objetivo do imperialismo era obter a riqueza nacional oriunda do pré-sal, tal qual buscam usufruir do petróleo venezuelano e por essa razão articulam inúmeras tentativas de golpe de Estado e aplicam sanções econômicas sobre a Venezuela. A operação lava-jato foi um grande instrumento para o avanço no que se refere a conseguir explorar a riqueza do pré-sal, porque tal operação conseguiu descredibilizar a empresa nacionalmente e internacionalmente, prejudicou economicamente empresas nacionais que trabalhavam com a Petrobrás e esses fatores juntos contribuíram para a aprovação da Lei 13.365.

A aprovação da lei 13.365, em novembro de 2016, retirou o monopólio da Petrobrás na exploração do pré-sal e assim permitiu que empresas estrangeiras pudessem explorar uma riqueza nacional que poderia elevar o Brasil para um outro patamar a nível mundial, mas o fato é que a campanha de difamação realizada por meio de uma operação em prol dos interesses dos Estados Unidos contribuiu para que se permitisse a quebra do monopólio na exploração do pré-sal, visto que uma empresa com tantos casos de corrupção não seria confiável para explorar esse tipo de riqueza.

No governo Bolsonaro, a política neoliberal de desmantelamento, da venda de refinarias, de empresas estratégicas e de exploração do pré-sal se aprofundaram de maneira drástica

Segundo os dados do Observatório Social do Petróleo, o governo Bolsonaro conseguiu vender 54 dos 70 ativos que a Petrobrás vendeu entre 2015 e 2022, que no total chega ao número assustador de 281 bilhões, sendo que desse número, 175 bilhões foram negociados apenas nos 4 anos de governo Bolsonaro. Vale acrescentar que apenas no primeiro ano de governo Bolsonaro, a Petrobrás teve venda de ativos de 70 bilhões, que representa 25% dos ativos negociados nesse espaço de tempo e apenas 7 bilhões a menos do que o governo Temer negociou, ou seja, o primeiro ano de governo Bolsonaro já era um anúncio do quão alinhada aos interesses do capital estrangeiro seria esse governo.

Os governos Temer-Bolsonaro são distintos no quesito do segundo ser um líder de extrema-direita e o primeiro não representa esse campo político, mas a política econômica e a política de alinhamento ao interesses do estrangeiro que entrega as riquezas nacionais para o capital estrangeiro, sendo essa entrega principalmente para os Estados Unidos. Tal afirmação pode ser confirmada ao observar que da mesma forma que o governo Temer implementou medidas governamentais que apresentava um alinhamento com os interesses políticos dos estrangeiros e serviu para que o capital estrangeiro pudesse começar a explorar a riqueza do pré-sal, e o governo Bolsonaro aprofundou essas medidas no sentido de atender as demandas do imperialismo, assim como aprofundou a venda de ativos da Petrobrás como foi visto anteriormente no artigo. Mas o alinhamento político em atender as demandas do estrangeiro e realizar vendas do pré-sal para os Estados Unidos era tão grande que logo no início do governo, o ministro da economia, Paulo Guedes, declarou a seguinte frase:

“Vocês podem ir lá ajudar a financiar nossas rodovias, ir atrás de concessões de petróleo e gás. Daqui a três, quatro meses, vamos vender o pré-sal. Todos vão estar lá: chineses, americanos, noruegueses”
(Pragmatismo Político, 2019.)

Essa afirmação de Paulo Guedes reflete a lógica neoliberal de privatização e de vender tudo o que for possível e de não pensar em um projeto de país a longo prazo, porque essas vendas para o capital estrangeiro explorar o pré-sal nada mais é do que a venda da riqueza nacional por um valor muito mais baixo do que ela poderia trazer de retorno financeiro para o país.

Além disso, pode-se recordar da privatização da Eletrobrás por um valor abaixo do que ela realmente, a venda da refinaria da Petrobras de Landulpho Alves (Rlam), na Bahia, por 1,6 bilhões, sendo que essa refinaria já chegou a ser avaliada em 3,6 bilhões, e sem falar que essa refinaria é a segunda maior do país.

A meta dos entusiastas do neoliberalismo brasileiro era vender oito refinarias e isso significaria vender metade do refino do país, porém ao recordar da frase abaixo dita pelo ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro nota-se que o objetivo era muito além de vender mais da metade do refino brasileiro, o objetivo era vender a Petrobrás, que demonstra o nível do alinhamento do então presidente no sentido de atender as demandas do capital estrangeiro:

“A privatização da Petrobras leva no mínimo quatro anos. Tenho uma ideia de fatiar a Petrobras. Realmente não está dando certo atualmente”, declarou o presidente, um dia após o envio da estatal ao PPI.”
(Infomoney, 2022)

Essa fala de Jair Bolsonaro aponta para o fato de que havia uma intenção do governo de privatizar uma empresa tão importante para o desenvolvimento do Brasil, para a geração de empregos e para a soberania nacional.

Nesse ponto, cabe recordar que política de privatização foi um grande marco do governo Bolsonaro, mas, deve-se focar em quais seriam as razões para que ocorressem vendas de empresas estratégicas para o capital estrangeiro e nacional, e o preço pago por essas empresas serem por muitas vezes menor do que as empresas são avaliadas dentro do mercado e quem são os grupos e países que mais se beneficiam com esse tipo de ação governamental.

Os grupos empresariais que se beneficiam com essas ações são os grupos concorrentes da Petrobrás no mercado de petrolíferas, enquanto os países são os ditos como “desenvolvidos”, que na prática nada mais são do que países imperialistas, e claro, o país com maior ganho é os Estados Unidos porque a partir da desmoralização da Petrobrás, da venda de refinarias, que pode ser inclusive comprada pelos Estados Unidos, a Petrobrás perde o seu espaço no cenário internacional do Petróleo e os Estados Unidos ganha com esse fato.

Além disso, o problema da privatização de setores estratégicos como é o caso das refinarias, essa questão abrange dois pontos sensíveis para a população brasileira: O preço dos produtos e a política de preços da Petrobrás que enriquece os acionistas estrangeiros:

O primeiro exemplo a ser destacado é a questão dos preços, o trecho da matéria a seguir vai discorrer sobre esse eixo:

“Privatizada no final do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), a antiga Refinaria Isaac Sabbá (Reman), em Manaus, passou a vender a gasolina mais cara do país. O dado consta de um estudo produzido pelo Observatório Social do Petróleo (OSP). Segundo esse estudo, o litro da gasolina vendida pela antiga Reman, que agora chama-se Refinaria da Amazônia (Ream), custa 21 centavos ou 6,5% a mais do que o vendido pela Petrobras. A estatal cobra R\$ 3,31 por litro, em média. A refinaria privatizada, R\$ 3,52.”
(Brasil de Fato, 2023)

A privatização não apenas enfraquece a empresa no cenário mundial do mercado petrolífero, mas também prejudica os consumidores do produto, porque apesar da Petrobrás ser uma empresa de economia mista, ela pode ser instrumentalizada para servir a população e também obter os seus lucros, porém quando ela é enquadrada na lógica neoliberal e é vendida para a iniciativa privada, a tendência é que haja apenas uma visão mercantilista e capitalista, em que o lucro está acima de tudo.

O segundo ponto a ser destacado é o do lucro dos acionistas estrangeiros e da política de preços da Petrobrás que faz com que o brasileiro pague em dólar e não em real:

“A Petrobras distribuirá, ao todo, mais de R\$ 217 bilhões em dividendos aos acionistas no ano de 2022. A União, que detém 28,7% dos papéis, ficará sozinha com R\$ 62 bilhões neste ano. O levantamento foi realizado por Einar Rivero, da Trade Map, depois que a estatal decidiu na quinta-feira (3) antecipar o pagamento de distribuição de R\$ 43,7 bilhões em dividendos a seus acionistas. Até o mês de setembro, a estatal distribuiu R\$ 173 bilhões.”

(G1, 2022)

O elemento apresentado do lucro dos acionistas é outro ponto a se refletir em relação ao quão injusto é uma empresa de economia mista, em um país em que o povo ganha em real, realizar a venda de seus produtos baseado no dólar. A realização da venda baseada no dólar apresenta ganhos apenas para os acionistas estrangeiros e não apresenta ganho algum para a população de modo geral, isto é o imperialismo estadunidense lucra sob as mazelas e a precariedade do povo brasileiro.

Ademais, pode-se recordar que tal política de preço da paridade internacional na venda do combustível faz com que a população brasileira pague um preço elevado não apenas no combustível, mas também na própria alimentação, assim como faz com que haja um encarecimento do transporte, do transporte de mercadorias e provoca inflação, ou seja, o povo brasileiro paga um preço elevado para que os acionistas

estrangeiros possam lucrar de forma exorbitante com essa política da paridade de preços internacionais, eis um dos motivos para que o golpe fosse consumado, visto que Dilma Rousseff rejeitou realizar a implementação de tal política de preços para o combustível, justamente pelo impacto negativo que tal política teria na vida da população mais pobre do país.

As razões para a burguesia nacional apoiar o golpe de 2016 e o governo Bolsonaro

O objeto central de estudo deste artigo são os ganhos do imperialismo com o golpe de 2016, a lava-jato e o governo Bolsonaro, porém é necessário apresentar os ganhos da burguesia nacional com todos esses acontecimentos recentes no país, assim como citar todas as mazelas que a população brasileira enfrentou e enfrenta desde o movimento golpista iniciado em 2013.

O artigo apresentou até aqui que o golpe 2016 tal como o golpe de 1964 em que houve ação direta e intervenção estadunidense para que aquele evento golpista acontecesse, mas em ambos os casos o movimento golpista contou com apoio das classes dominantes nacional e esse é o foco central que este tópico busca apresentar para o leitor.

Sobre o envolvimento dos Estados Unidos no golpe de 1964, a citação abaixo reforça o ponto apresentado no parágrafo anterior:

“Um golpe de Estado, em 1o de abril de 1964, derrubou-o, com apoio aberto dos Estados Unidos, que começaram a desencadear — aí, divergências entre o Pentágono e o Departamento de Estado não houve — a operação Brother Sam, a fim de intervir militarmente no Brasil, se necessário fosse. Uma força- -tarefa norte-americana, incluindo o porta-aviões Forrestal, recebeu ordem de rumar para o Atlântico Sul.” (Bandeira, Moniz, Luis Alberto. O Golpe Militar de 1964 como fenômeno de política internacional, pág 17)

Primeiramente o artigo vai apresentar as razões para a burguesia nacional apoiar o golpe e o governo Bolsonaro, na sequência o texto vai apresentar os ganhos da burguesia nacional com tais posicionamentos.

O trecho do artigo a seguir é importante para compreender a movimentação da burguesia favoravelmente ao movimento golpista de 2016:

“Além da guerra dos juros, um fator decisivo para a tendência de unificação da burguesia era a pauta de austeridade fiscal e salarial. Sem dúvidas há fatores culturais para isso, refletidos na opinião empresarial de que o Bolsa Família reduz a procura por empregos e dificulta a contratação, como se desconhecêssem que o valor máximo do benefício é bem inferior ao salário mínimo e que quase metade dos beneficiários é de trabalhadores por conta própria. Walquíria Leão Rego e Alessandro Pinzani (2013) e Jessé Souza (2009, 2016) argumentaram que a persistência de uma cultura autoritária e a ideologia da meritocracia explicam a resistência a políticas públicas e movimentos sociais voltados à redução das desigualdades sociais genéticas do país. Pode-se cogitar que as sucessivas vitórias eleitorais de um programa orientado para mitigá-las aumentassem a resistência cultural, tanto mais se ela fosse estimulada por instituições, como o Instituto Millenium, que patrocinam intelectuais que têm ampla visibilidade nos meios de comunicação tradicionais e que culpam os aumentos salariais e os gastos sociais, equivocadamente, como o motivo da desaceleração do investimento privado e da redução dos lucros e da “poupança”. “

Nota-se a partir desse ponto que uma das razões para que as classes dominantes do país darem o seu apoio para o golpe de 2016 era o aprofundamento de medidas como a austeridade fiscal, privatizações e a diminuição de investimentos públicos em programas sociais, ou seja, a burguesia queria consolidação de uma política neoliberal e de Estado mínimo no país.

Tratava-se obter cada vez mais controle dos recursos do Estado, que historicamente sempre foi uma das ferramentas fundamentais para a burguesia e o capitalismo brasileiro, apesar de em nenhum momento dos governos petistas, as classes dominantes terem tido algum tipo de prejuízo financeiro. Esse acontecimento da classe dominante brasileira apoiar movimento golpista para chegar em seu objetivo, pode ser resumido pelo o que foi dito por Darcy Ribeiro no "Roda Viva": "O Brasil tem uma classe dominante ranzinza, azeda, medíocre, cobiçosa, que não deixa o país ir pra frente!" e é justamente desse sentimento de ranzinzo, medíocre e cobiçoso que advém o gosto dessa classe dominante por golpes e que faz com que o país não consiga avançar, visto que essa classe dominante vende o país e suas riquezas para o estrangeiro e tem um pensamento de curto prazo em que a vontade de lucrar cada vez mais no presente é maior do que planejar e ajudar a construir um projeto de país. Tais acontecimentos pode ser compreendido ao fazer um diálogo direto com a obra "Revolução burguesa" do Florestan Fernandes, em que o autor trabalha a forma com que a classe dominante brasileira realizou a revolução burguesa em solo nacional, que ao contrário de em outros locais em que essa revolução burguesa foi realizada em conjunto com a classe trabalhadora, visto que no Brasil ela foi realizada entre os setores da classe dominante e excluiu a classe trabalhadora.

Partindo desse ponto, pode-se compreender que a classe dominante brasileira realizou a mesma ação autoritária e de exclusão da classe trabalhadora, que ela utilizou para avançar no sentido de realizar o processo da revolução burguesa brasileira, assim como o programa do golpe expressava a implementação do teto de gastos, da reforma trabalhista, da reforma da previdência e da tentativa da reforma administrativa para enfraquecer o funcionamento do serviço público para a população mais pobre do país. Assim como o aprofundamento de uma agenda de um capitalismo financeiro dentro de um país de capitalismo periférico, em que a classe dominante brasileira utiliza do Estado brasileiro para lucrar cada vez mais, enquanto entrega para a população mais vulnerável um Estado mínimo, em que não existe investimento público para que os serviços públicos possam funcionar.

"A Lava-Jato também neutralizou, pelo medo ou pela prisão, a camada empresarial mais próxima do governo. Paradoxalmente, o fato de o governo Dilma Rousseff apoiar a Lava-Jato o enfraqueceu em outro sentido. Políticos e empresários envolvidos em transações ilegais tinham interesse evidente em substituir o governo por outro capaz de barrar ou limitar as apurações e patrocinar algum tipo de anistia dos crimes cometidos, como ficou evidente nas conversas com Romero Jucá e José Sarney gravadas por Sérgio Machado"

,BASTOS, P. P. Z., Ascensão e Crise do Governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: Poder estrutural, contradição e ideologia,2017)

Nesse ponto, entende-se que a confiança desmedida nas instituições burguesas por parte do Partido dos Trabalhadores contribuiu para que as classes dominantes e a classe política apoiassem o golpe de 2016, visto que apesar do Partido dos Trabalhadores (PT) denunciar desde o início que a operação lava-jato estava sendo utilizada para perseguir os petistas, assim como denunciou o apoio da Rede Globo ao lavajatismo e ao golpismo, faltou ao PT abandonar o legalismo e agir intervindo para colocar um fim naquela operação, mas como é de conhecimento geral, o PT manteve o legalismo até o final e retornou ao poder através do mesmo legalismo que retirou o partido do poder e que muitos acreditavam ser o fim do maior partido de esquerda da América Latina.

“A unificação da burguesia em torno de um programa regressivo finalmente aconteceria caso uma alternativa política viável ao governo aparecesse, o que ocorreu quando, de dentro dele, Michel Temer anunciou o programa Uma Ponte para o Futuro. É ele a inspiração da PEC 214/55 do teto do gasto, que poupa a estrutura tributária regressiva, distribui o ônus do ajuste para os cidadãos pobres carentes de transferências monetárias e serviços públicos (mas que pagam proporcionalmente mais impostos que os ricos) e abre um novo horizonte de privatizações do domínio público. Se o golpismo da oposição era previsível em 2014, o golpismo do Palácio do Jaburu era muito menos. A Ponte para o Futuro transformava o recuo tático em nova estratégia, o que, faça-se justiça, estava muito distante das intenções de Dilma Rousseff. Junto com a expulsão de Dilma, iriam a CLT e a Constituição “cidadã”

(BASTOS, P. P. Z., Ascensão e Crise do Governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: Poder estrutural, contradição e ideologia, 2017)

A terceira citação dialoga diretamente com a primeira citação porque ambas apresentam o motivo principal para a burguesia apoiar o golpe de 2016, mas agora com a clareza de que Michel Temer (MDB), então vice-presidente, se apresentou como um executor dos projetos da classe dominante brasileira e conspirou contra a sua companheira de chapa, a então presidente Dilma Rousseff.

A partir disso, pode-se compreender que no final dessa disputa política, o que interessava para a classe dominante era desconfigurar todos os direitos conquistados após a constituição de 1988, por isso a implementação da PEC 214/55 (Projeto de Emenda Constitucional) do teto de gastos que congela os gastos públicos por 20 anos, assim como a implantação da reforma trabalhista que retirou inúmeros direitos da classe trabalhadora, o Novo Ensino Médio que colocou os estudantes de baixa renda do ensino médio em situação de maior dificuldade para acessar o Ensino Superior e em situação de formação de mão-de-obra barata para suprir a demanda do trabalho precarizado que o neoliberalismo fomenta, também vale recordar da reforma previdenciária com o Governo Bolsonaro, que impossibilita que o trabalhador brasileiro possa se aposentar.

Após essa curta explicação sobre as razões para a burguesia nacional apoiar o golpe de 2016, o texto abordará os ganhos da burguesia nacional com o governo Bolsonaro.

O governo Bolsonaro deu sequência ao projeto neoliberal iniciado com o golpista Michel Temer, visto que ele aprofundou as políticas econômicas e o projeto de sucateamento dos serviços públicos, seja com as inúmeras privatizações como já foi citado no artigo ou pela ausência de investimentos nos serviços públicos, porém Jair Bolsonaro apresentou também um discurso de extrema-direita e fez um governo com ameaças golpistas do dia 01 de Janeiro de 2019 até o último dia de governo, sendo que os seus apoiadores invadiram os três poderes no dia 08 de Janeiro de 2023 e quebraram e roubaram vários objetos da República Federativa do Brasil, em um ato que pode ser visto como um ataque terrorista e coordenado por aqueles que se encontram alinhados com a retórica da extrema-direita.

As citações que serão apresentadas na sequência apresentam reflexões sobre as motivações para que as frações da burguesia nacional e também os ganhos do imperialismo, que é o objeto de pesquisa deste trabalho:

“Até aqui afirmamos que o aspecto dominante na relação entre as frações burguesas e o governo foi a unidade em torno das reformas neoliberais contra os trabalhadores e as privatizações, o que não eliminou a existência de conflitos secundários, alguns dos quais já nos referimos, relacionados à política econômica: a desoneração de impostos sobre importação, que opôs a burguesia industrial ao capital estrangeiro; a elevação da taxa Selic, que opôs a burguesia industrial ao capital financeiro; a política ambiental predatória, que opôs os

produtores rurais às tradings do agronegócio; as desonerações à indústria de automóveis, que opôs as montadoras ao capital financeiro; a política de preços da Petrobras, que opôs as transportadoras e indústrias ao capital financeiro; e a privatização da Eletrobras, que opôs setores da indústria ao capital financeiro.

Tais conflitos não dividiram as frações burguesas em torno de distintas estratégias de política econômica, ao contrário, foi justamente o apoio à política econômica executada pela equipe governamental o principal limite para a ação oposicionista dos partidos burgueses tradicionais.”

(Passo, O. F., & Valle, A. F. P. As frações burguesas e o governo Bolsonaro durante a pandemia do covid-19(2020-2021), 2021)

Essa citação aponta justamente para o fato de que apesar da fragmentação existente dentro das classes dominantes, o desejo de implementar uma agenda neoliberal e de retirar os direitos dos trabalhadores, e consequentemente aumentar os seus lucros foi um ponto que permitiu uma unidade dos setores da classe dominante entre si e também com o golpismo e com a extrema-direita bolsonarista.

Afinal para a burguesia é válido realizar qualquer tipo de aliança para se chegar em seu objetivo de lucrar e de implementar a sua agenda econômica, tal modo de agir recorda o que Florestan Fernandes chamava de "Autocracia Burguesa" e seguindo a tese do autor e apresentando concordância com ela, pode-se afirmar que esse modo de coordenar as suas ações ocorre desde o Brasil colônia.

“A unidade em torno das privatizações e das desregulamentações trabalhistas, que viabilizou a aliança entre as frações burguesas após o golpe de 2016 e que constituiu o seu programa mínimo para o apoio ao governo, isto é, o seu denominador comum na conjuntura recente e atual, foi representada no plano discursivo pela denúncia do “Custo Brasil”, que responsabiliza, além dos gargalos logísticos, os encargos trabalhistas e previdenciários pela perda de competitividade das empresas, para, assim, justificar o aumento da taxa de exploração através da redução do custo de reprodução da força de trabalho.”

(Passo, O. F., & Valle, A. F. P. As frações burguesas e o governo Bolsonaro durante a pandemia do covid-19(2020-2021), 2021)

Essa citação reforça justamente o comentário realizado sobre a citação anterior, visto que aborda justamente a aliança dos setores da classe dominante que apesar das divergências existentes, o pensamento econômico neoliberal é o que consegue unir esses setores e essa unidade visando o neoliberalismo permanece intacta e para constatar basta observar os problemas que o governo Lula vem enfrentando em relação ao Banco Central, mercado financeiro e a imprensa burguesa, em que a todo momento pressionam o governo Lula para permanecer com a agenda econômica neoliberal.

“Diversos setores da economia foram abertos para o capital internacional, como o mercado de refino e gás natural, com as vendas de ativos da Petrobras; o setor aéreo, com a aprovação do controle total (100%) do capital estrangeiro sobre as empresas aéreas nacionais; o setor bancário, com a autorização ao Banco Central para a abertura ao capital estrangeiro; além dos projetos de concessões e privatizações em infraestrutura, anteriormente citados. A redução das alíquotas de importação de eletroeletrônicos, máquinas e equipamentos industriais favoreceu as vendas dos fabricantes internacionais no mercado brasileiro. A defesa do livre comércio entre o Brasil e as potências imperialistas, e o esvaziamento das instituições multilaterais que organizaram a chamada integração sul-sul

durante os governos neodesenvolvimentistas também indicam uma maior subordinação do Estado brasileiro no interior da cadeia imperialista.”

(Passo, O. F., & Valle, A. F. P. As frações burguesas e o governo Bolsonaro durante a pandemia do covid-19(2020-2021), 2021)

Anteriormente o texto trabalhou sobre a questão dos ganhos do imperialismo com o governo Bolsonaro, que é o ponto principal de investigação do texto, agora esse trecho retoma a esse ponto de trabalho e apresenta com clareza que além de vender as riquezas nacionais e permitir uma abertura econômica que não seria capaz de trazer ganhos financeiros de longo prazo para o Brasil, torna-se claro que houve boicote ao projeto de integração latino-americana e de desenvolvimento do país.

Ademais pode-se entender de forma esclarecedora que o governo Bolsonaro auxiliou na paralisação de um projeto de desenvolvimento nacional, vendeu as riquezas do Brasil para o capital estrangeiro e enriqueceu cada vez mais as classes dominantes, enquanto o povo brasileiro retornava ao mapa da fome, era morto pela política negacionista em relação ao covid, sofria com a alta inflação e com o sucateamento dos serviços públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho tinha como objetivo central apresentar os ganhos do imperialismo com o Governo alinhado aos interesses do imperialismo e de extrema-direita de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), porém para cumprir tal objetivo, o artigo discorreu sobre as jornadas de junho de 2013, que seria o embrião do movimento golpista de 2016 e conseqüentemente do avanço da extrema-direita em solo nacional. Essa tese é sustentada a partir do entendimento do que são os conceitos de “Guerra Híbrida”, “Revolução Colorida” para compreender os acontecimentos políticos de “Junho de 2013” e o conceito “Lawfare” ao abordar a operação lava-jato que perseguiu políticos do Partido dos Trabalhadores (PT) com um destaque maior para o atual Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que ficou preso por mais de 500 dias sem comprovação de crime e foi retirado do pleito eleitoral de 2018, que culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro. Para além disso, vale recordar os 4,4 milhões de empregos que a operação lava-jato retirou no país, assim como o enfraquecimento da construção civil, desgaste da imagem da Petrobrás e auxílio direto na disseminação de um discurso que criminaliza a política e as empresas públicas, que na prática sustenta o avanço de uma antipolítica e conseqüentemente de uma política fascista ao criminalizar a política e em uma política neoliberal e pró-imperialismo ao vender as riquezas nacionais para o capital estrangeiro.

Outrossim, o artigo explora como o golpe de 2016 beneficiou os Estados Unidos e a burguesia nacional ao retirar o governo petista e substituir pelo governo neoliberal de Michel Temer e posteriormente de Jair Messias Bolsonaro, visto que ambos os sujeitos eram adeptos de uma política de subserviência aos Estados Unidos e de privatização massiva com a implementação do modelo econômico neoliberal e inimigo da classe trabalhadora brasileira.

Em suma, o artigo conseguiu discorrer sobre o seu objeto de pesquisa, porém o objeto pesquisado é recente, visto que ainda não se tem todos os dados sobre o período completo do Governo de Jair Bolsonaro, ou seja, o trabalho não consegue trazer de forma completa todos os ganhos do imperialismo com o Governo Bolsonaro, mas esse objeto de pesquisa segue possível de se pesquisar em posteriores artigos acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Aplicação das Guerras Híbridas no Brasil. In: Coletivo Andorinha. (Org.). O Brasil contemporâneo e a democracia. 1ed.Lisboa: Le Monde Diplomatique Portugal, 2020, v. 1, p. 131-152

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. **Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. Revista de Economia Contemporânea, v. 21, 2017.**

CAMPOS, Pedro Henrique. **Os efeitos da crise econômica e da operação Lava Jato sobre a indústria da construção pesada no Brasil: falências, desnacionalização e desestruturação produtiva.** *Mediações*, v. 24, n. 1, p. 127-153, 2019.

“Daqui a 4 meses estaremos vendendo o pré-sal”, diz Paulo Guedes nos EUA. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/03/paulo-guedes-eua-pre-sal.html>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

11DIEESE - outras publicações - **Implicações da operação intersetoriais da operação** - março/2021 . Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/impactosLavaJatoEconomia.html>>. Acesso em: 3 mar. 2022

EM : 04/03/2023 06H00, M. **Governo Bolsonaro vendeu 54 ativos da Petrobrás, mais de 62% do total negociado em oito anos.** Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2023/03/04/governo-bolsonaro-vendeu-54-ativos-da-petrobras-mais-de-62-do-total-negociado-em-oito-anos/>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

FISHMAN, A.; VIANA, N.; SALEH, M. **Lava justiça Jato fez de tudo para ajudar americana – inclusive driblar o governo brasileiro** . Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/03/12/lava-jato-driblou-governo-ajudar-americanos-doj/>>. Acesso em: 3 mar. 2022.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil.** [s.l.: s.n.].

KANAAN, Gabriel Lecznieski. **O Brasil na mira do tio Sam: o projeto Pontes e a participação dos EUA no golpe de 2016.** V ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS, p. 117, 2018.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes.** São Paulo: Expressão Popular, p. 119, 2018.

LUIZ, A.; BANDEIRA. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/2017-11/1964_Visoos_criticas-do-golpe_CAP_VII.pdf>.

MIRIAM LIMOEIRO CARDOSO. Capitalismo dependente, autocracia burguesa e revolução social em Florestan Fernandes. [s.l.: s.n.].

“Melindra alguém cujo apoio é importante”, diz Moro sobre investigar FHC. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/melindra-alguem-cujo-apoio-e-importante-diz-moro-sobre-investigar-fhc/>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

NOBRE, C. E. **Ensaio sobre a geopolítica do golpe político-institucional brasileiro de 2016.** Terra Livre, [S. l.], v. 2, n. 51, p. 54–93, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/1528>. Acesso em: 22 fev. 2023.

OLIVEIRA, R. **Por que Bolsonaro quer privatizar a Petrobras (PETR4)? Entenda o caso.** Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/por-que-bolsonaro-quer-privatizar-a-petrobras-petr4-entenda-o-caso/>>.

PAULO, S. **IMPLICAÇÕES ECONÔMICAS INTERSETORIAIS DA OPERAÇÃO LAVA JATO.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/impactosLavaJatoEconomia.pdf>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

Privatizada por Bolsonaro, refinaria do Amazonas vende gasolina mais cara do país. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2023/02/23/privatizada-por-bolsonaro-refinaria-do-amazonas-vende-gasolina-mais-cara-do-pais?bdf=i>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

ROCHA, D. R., Paulo Silva Pinto, Ludmylla. **Alvos da Lava Jato, 11 construtoras têm queda de 89% em 4 anos.** Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/alvos-da-lava-jato-11-construtoras-tem-queda-de-89-em-4-anos/>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SARTI, Ingrid. Desafios à Esquerda. Notas sobre a Integração em tempos de crise. **Los progresismos en la encrucijada**, p. 99, 2017.

SVARTMAN, E. M.; REIS DA SILVA, A. L. **Castigo sem crime? Raízes domésticas e implicações internacionais da crise brasileira.** *Conjuntura Austral*, [S. l.], v. 7, n. 35, p. 4–14, 2016. DOI: 10.22456/2178-8839.64624. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/64624>. Acesso em: 23 abr. 2023.

Valor de venda de refinaria da Petrobras é questionado em debate; TCU ainda avalia preço - Notícias. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/767001-valor-de-venda-de-refinaria-da-petrobras-e-questionado-em-debate-tcu-ainda-avalia-preco/>>. Acesso em: 6 mar. 2023.